

o que aqui se dá a ver é o nosso medo:  
cada fotografia diz que as trevas são luminosas e a luz som-  
bria, que a luz se abre em grãos de sombra, se torna descontí-  
nua, às vezes concentra-se e pesa e traça a linha da alucinação:  
é assim que a sombra devém a alucinação de uma luz que ce-  
de, o excesso de uma luz que se deposita: movemo-nos numa  
paisagem única: a da cegueira branca que se parte e erra, ins-  
crevendo no mundo um segredo que não lhe pertence,  
**Esta luz não abre à palavra. Mas abre em nós a palavra co-  
mo uma reminiscência:**

um rosto cresce até à legibilidade, cresce e mostra o sofri-  
mento, tão intenso, que esbate cada linha numa doença da  
fronteira. A morte rodeia-o dos seus sinais: peso, mortalha, le-  
tras, números, porém ele parece dormir, no silêncio de um no-  
me a apagar-se. E, nesse sono, sonha a infância:  
correm as crianças na rua vazia, num movimento que as quer  
desprender da sua sombra. Este horror está inscrito na nossa  
memória; outras crianças correram assim, numa cidade da ale-

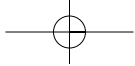
manha, numa rua de gaza, no silêncio das ruínas de sarajevo, num meio-dia qualquer da incerteza, presas também à sua sombra, mas tentando escapar dela.

**O terror não é um nome alucinante. É o texto dos olhos, inequívoco, que descreve a fuga e torna a luz a sintaxe do medo.**

abre-se o caminho para a nossa memória, ou vem da nossa memória, parte de nós e entra na lixeira suburbana, por entre catenárias e prédios que mostram a construção das suas ruínas; ao fundo, não há a porta encimada pelas palavras «ARBEIT MACHT FREI»; ao fundo, as linhas convergem para o labirinto de paredes e vigas, a ossatura dos telhados, o precário rumor das sombras, os muros de uma eternidade rudimentar que ali fixou os seus ícones; na morgue, esse matadouro onde se constrói a outra geometria, o cadáver é pleno na sua dureza branca; a luz coagulou em néon nos mosaicos, depois, caiu em pó sobre o morto e deu-lhe a sua forma, a da luz morta, que modela cada instante da decomposição; o som é o de um pingo de água a reventar na porcelana do lavatório; por cima, o espelho oval mostra o cabide, símbolo que o abandono ligeiramente deslocou; na mesa dissecatória, a minúcia escreve o texto desta morte:

os pés expõem-se, expõem a nudez total; estes pés não correram, não andaram, não procuraram na areia a moeda, a concha, o alimento, são os absolutos objectos do terror, hirtos, devoram todo o movimento, produzem a pedra, a linha, a obs-tinação,

no exterior, o trabalho da aranha é a fractura a ramificar-se no vidro. Quase vemos o seu percurso interminável, a imperfeita



geometria da sufocação. A morte construiu na teia os seus ninhos vazios, as suas órbitas, que expandiram a pupila até ao rasgão.

**Quem se opõe à minúcia exaustiva da dor, essa palavra sempre a soletrar-nos?**

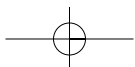
há olhos que não vêem o voo, mas a sua queda, entre pedrisco; há olhos que não vêem o corpo no seu auge, mas a longa cicatriz; há olhos que não vêem o texto, mas a palavra, uma só, que cega todas as outras; há olhos que não vêem Deus, mas o seu teatro, os sinais da sua passagem ou da sua ausência; há olhos que constroem os sinais da passagem de um deus para conseguirem parar. A essa paragem chama-se desmesura. Há este olhar que aflora as coisas, as faz crescer até ao insuportável, e lhes dá a dignidade do rudimento; que abre os lábios a uma só palavra e entra nos seus meandros para a esquecer; que torna cada coisa um vestígio e se apaga ao ir de uma coisa a outra: e neste percurso expõe a mortalidade; há um olhar que não vê nexos mas acumulações:

montes de garfos que são montes de cabelo que são montes de roupa que são montes de sapatos de malas de ossos de mortos,

montes de garfos que são montes de corpos nus a resvalar, no plano inclinado da caixa de uma camioneta, para uma vala comum,

garfos que na periferia têm o brilho do aço dos capacetes, o tracejado milimétrico de um tiro.

**A mão abre a luz ao gesto, ilumina o silêncio de outra mão,**



a cabeça rapada diz do cabelo a cair sem ruído no cimento do chão, do som da tesoura a anunciar a queda, do crânio a aparecer, a construir a sua memória, no vagar do barbeiro que, por um momento, pára, e deixa que a tesoura lhe rode no dedo e fique a ave morta, pendurada pelas patas, de bico entreaberto, numa oscilação de pêndulo a apagar-se. É assim a pausa que interrompe o crescimento deste trigo escuro. É assim a sombra a reaprender a violência,

**o grão cai em jactos de peso e de pó e acumula-se nas tu-lhas, vai ser o alimento de ratos e gorgulhos, a sepultura da criança no seu medo.**

Um homem está voltado para a imprecisão: a do crepúsculo da manhã ou a do crepúsculo da tarde: e espera que o verbo separe a luz das trevas. Ou mergulhe a luz nas trevas. Um homem espera a noite do caos ou o dia da criação. E que a fronteira se torne nítida para avançar,

**eis as marcas da fuga: a estrela no seu desenho liga todos os tempos, mas o choro, hoje, já não é por ela.**

**O choro é sempre um lugar incerto. E a estrela tem agora a irregularidade de uma pedra cadente. Candente.**

**Os casacos recompõem, sobre a neve, ou no adelo da esquina, os mesmos corpos ríspidos.**

**Ao lado, a secretária espera o burocrata, com seus lápis e carimbos, tinteiros e aparos, para ritmar o tempo. Metuculo. Sob um céu estável na deflagração.**

esqueçamos os olhos, fixemos a sua sombra; esqueçamos o que esses olhos viram, fixemos o desenho que desenham em nós, a cara onde os sinais explodem; olhemos esses sinais que se agarram a nós como carraças; olhemos o fragmento de um rosto, as gotas de solda na íris, a pálpebra blefa, o bigode, verificaremos que estes destroços o devoraram até à caricatura; olhemos a caricatura de um rosto, um rosto acoitado na sua caricatura, comparemo-lo ao rosto pleno onde se inscreve a nudez, rosto entre rostos, sem nada que lhe sirva de casa; a luz que o fixou continua a desabrigá-lo, cereal negro a descrever-lhe os contornos,

**hoje, rosto algum torna a mão um segredo.**

as crianças cegavam os canários, com alfinetes em brasa, para eles cantarem melhor, enquanto as mães, das janelas, vigiavam o terreiro onde a orquestra ensaiava.

Ao domingo, ouvia-se Mozart. O arco do violino prolongava no braço a sua magreza.

E o braço tocava.